

2^a
SÉRIE

CANAL SEDUC-PI2



PROFESSOR (A):

FLÁVIA
LÊDA



DISCIPLINA:

OFICINA DE
LÍNGUA
PORTUGUESA



AULA Nº:

09



CONTEÚDO:

ENTREVISTA



TEMA GERADOR:



DATA:

14/05/2020

ROTEIRO DE AULA

- **CONTEÚDO: ENTREVISTA**
- **EXPLANAÇÃO DO CONTEÚDO:** Características e elementos composicionais do gênero **entrevista**
- **TEMPO PARA O REGISTRO VERBAL ESCRITO DA AULA**
- **DA TEORIA À PRÁTICA:** Questões diagnósticas
- **DESCRITORES A SEREM ALCANÇADOS:**
 - ❖ **D1 - Localizar informações explícitas em um texto.**
 - ❖ **D3 - Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.**
 - ❖ **D12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.**
 - ❖ **D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.**
 - ❖ **D14 - Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.**
- **ATIVIDADE PARA CASA**

FINALIDADE DA ENTREVISTA

A **entrevista** é um gênero textual **oral** jornalístico que tem por finalidade colher opiniões de pessoas a respeito de um assunto ou de fatos em evidencia no momento em que ela é realizada; pode também divulgar informações sobre a vida pessoal e profissional de uma pessoa de renome no meio artístico, cultural, científico, político ou religioso.

CARACTERÍSTICAS DA ENTREVISTA

- ❖ marca-se pela interação oral, em geral, entre duas pessoas;
- ❖ em geral, é informativa, veiculada, sobretudo, por meio de *jornais, revistas, internet, televisão, rádio*, dentre outros;
- ❖ o ENTREVISTADOR é o responsável por fazer perguntas, e o ENTREVISTADO (ou entrevistados) as responde;
- ❖ presença de discurso direto;
- ❖ transcrição fidedigna das palavras do ENTREVISTADOR e do ENTREVISTADO; logo, pode haver **muitas marcas de oralidade** bem como **observações** (geralmente entre parênteses) que descrevem as ações de ambos, por exemplo: (risos).
- ❖ apesar de muitas vezes haver formalidade, devido a ser um gênero oral, há uma **mescla entre o registro padrão e o não padrão**.

FUNÇÕES DA ENTREVISTA

- ❖ essencial para a difusão do conhecimento;
- ❖ ajuda a formação de opinião e posicionamento crítico da sociedade, uma vez propõe um debate sobre determinado tema;

TIPOS DE ENTREVISTA

Há diversos tipos de entrevistas dependendo da intenção pretendida:

- ❖ a entrevista jornalística;
- ❖ entrevista de emprego;
- ❖ entrevista psicológica;
- ❖ a entrevista social;
- ❖ outras.

Elas podem fazer parte de outros **textos jornalísticos**, por exemplo, a **NOTÍCIA** e a **REPORTAGEM**.

ETAPAS DA ENTREVISTA

- ❖ **ESCOLHA DO TEMA** – Deve ter relevância em uma dessas áreas: artística, cultural, científica, política ou religiosa.
- ❖ **ELABORAÇÃO DE ROTEIRO** - Feita a escolha do tema e do entrevistado, é muito importante a elaboração de um roteiro de forma que o entrevistador o tenha em mãos na hora da entrevista. O roteiro deverá ter um objetivo claro e ser apresentado em formas de perguntas.
- ❖ **TÍTULO** – Não obrigatório. Ele norteará melhor o objetivo delimitando o tema proposto, bem como seduz o leitor à sua leitura, pois antecipa o tema a ser tratado.
- ❖ **REVISÃO** - Se a intenção é fazer uma entrevista para apresentá-la a um público, você deverá utilizar uma câmera ou gravador; logo após, realize a transcrição das falas de ambos.

ESTRUTURA DA ENTREVISTA

- ❖ TEMA
- ❖ TÍTULO
- ❖ APRESENTAÇÃO
- ❖ ROTEIRO [PERGUNTAS]
- ❖ RESPOSTAS
- ❖ REVISÃO

EXEMPLO DE ENTREVISTA

A Internet nos deixa inteligentes: entrevista com David Weinberger

Quanto mais contato com a rede, melhor. Para o filósofo David Weinberger, jovens lucram (e muito) com comunidades virtuais e pesquisas na web

Eduardo Szklarz

A discussão sobre os efeitos da internet no nosso cérebro continua. Se você ficou achando que a web pode estar deixando os adolescentes mais burros, não se preocupe. De acordo com um dos filósofos mais festejados da atualidade, os jovens na verdade nunca foram tão inteligentes – e o mérito é da rede. Para o americano David Weinberger, a era digital está quebrando a noção do conhecimento monopolizado por especialistas. Através do diálogo global, os adolescentes estão conseguindo interpretar e discutir esse conhecimento, e realmente entender o que acontece ao seu redor. Weinberger é professor do Centro Berkman para Internet e Sociedade, da Universidade Harvard, onde mestres, alunos, empreendedores, advogados e arquitetos virtuais se dedicam a explorar a internet. (...) . Nesta entrevista, Weinberger descreve o que são esses enganos e explica por que a desordem do mundo digital é altamente positiva para a nossa massa cinzenta.

ES: *Como a internet está mudando nossa sociedade?*

DW: Primeiro, é preciso compará-la com a cultura da qual viemos, dominada pelos meios de comunicação de massa. Nela, existia a relação “um para muitos”, onde apenas uma pessoa falava e todas as demais escutavam. A TV, o rádio e as publicações impressas operam numa economia de escassez, já que poucos falam. Como esses meios falam com um grande número de pessoas, o resultado é que as mensagens precisam ser simplificadas o máximo possível.

ES: *O escritor Mark Bauerlein diz que a internet está emburrecendo os jovens, porque substituiu as relações verticais (entre jovens e adultos) pelas horizontais (entre pares). O que acha?*

DW: Não é assim! Esse é o argumento da echochamber “câmara de eco”, termo usado nos EUA para descrever negativamente grupos que pensam parecido e que repetem seus pensamentos entre si]. Por trás dessa noção existe uma profunda falta de entendimento sobre a natureza da conversa. As pessoas sempre conversam com quem concordam, de um jeito ou de outro. Não há nada de errado nisso. É assim que avançamos.

ES: *Por exemplo?*

DW: Quando queremos debater algum assunto, procuramos pessoas com quem temos coisas em comum. Se há divergências grandes demais, não levamos o papo adiante. Quantas vezes você conseguiu discutir política com um neonazista? Não dá, porque não há nada em comum. Você pode tentar, mas não vai convencê-lo de que o nazismo é ruim. Não é confrontando diferenças radicais que a compreensão humana avança. Nós avançamos, e mudamos nossas crenças, conversando com pessoas com quem basicamente concordamos. Qual o problema de garotos falando entre si? Bauerlein diz que os jovens não estão crescendo, e sim criando um universo longe dos adultos.

ES: *Bauerlein diz que os jovens não estão crescendo, e sim criando um universo longe dos adultos.*

DW: Talvez ele pense que crescer é tornar-se como ele, não sei. A noção de “crescer” muda a cada geração.

(...)

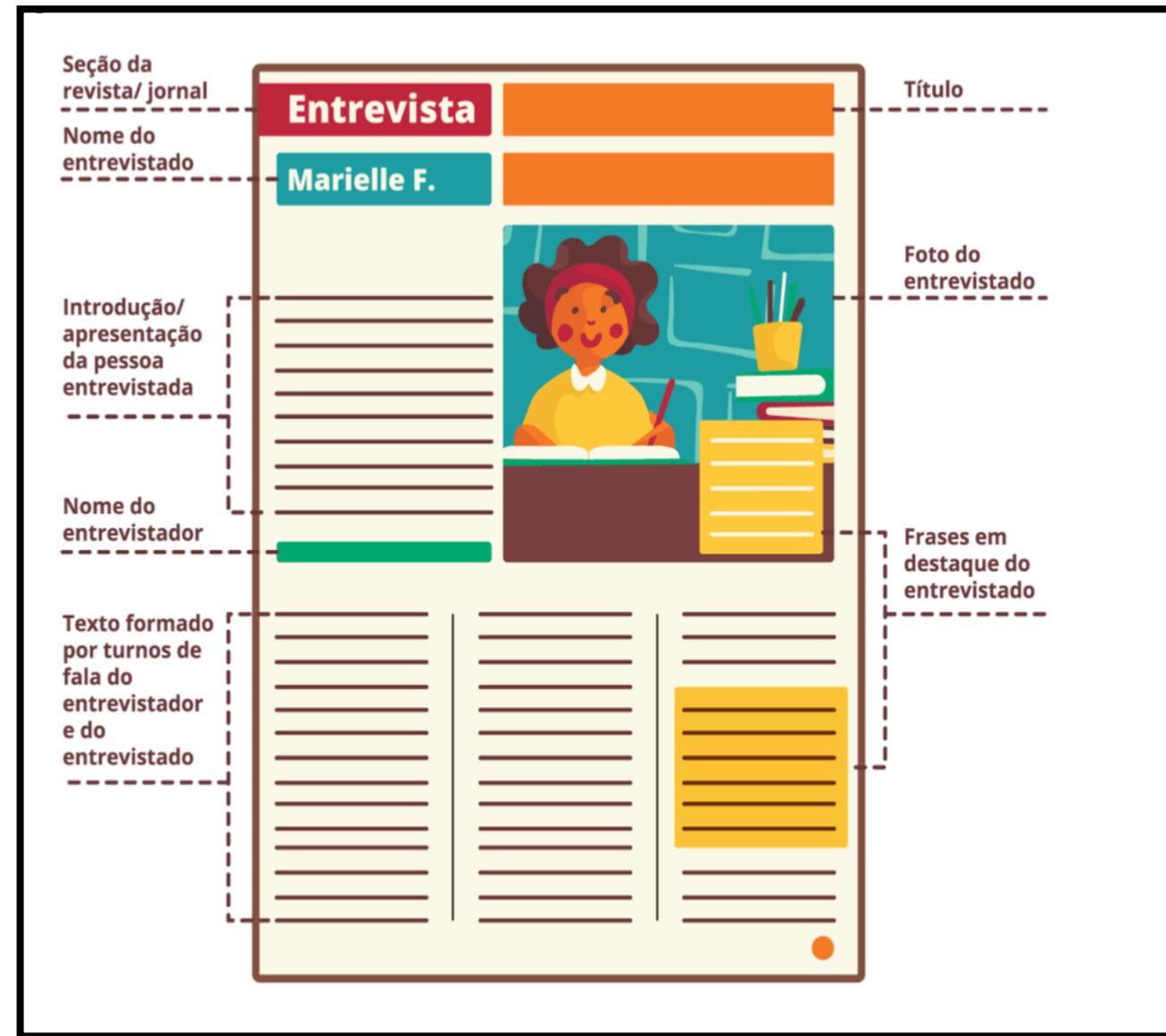
ES: *Qual é o papel de pais e professores na era digital?*

DW: Nos EUA, muitos professores deixam os alunos usar só 2 ou 3 fontes da internet para seus trabalhos. Acho que é um erro. A internet é mais importante do que tudo: ela contém maior quantidade de informações e ideias, tanto boas como ruins.

ES: *Então o certo é aproximar os jovens da internet?*

DW: Os professores precisam estimular os alunos a sair da sala e voltar com fontes para serem debatidas, para concluir quais são confiáveis. Não devem ensiná-los a trabalhar individualmente, mas treiná-los para fazer o que nós, adultos, fazemos: consultar a informação na internet e avaliá-la com outras pessoas. Atualmente, temos que entender coisas demais para confiar apenas em um indivíduo. Só podemos cumprir essa tarefa juntos – e é para isso que a internet serve.

ENTREVISTA NA MÍDIA



ATIVIDADE

QUESTÃO 1 [ENEM]

TEXTO I

Entrevistadora – eu vou conversar aqui com a professora A. D. ... o português então não é uma língua difícil?

Professora – olha se você parte do princípio... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais... não se você se apaixona pela língua que você... já domina que você já fala ao chegar na escola se o teu professor cativa você a ler obras da literatura... obras da/ dos meios de comunicação... se você tem acesso a revistas... é... a livros didáticos... a... livros de literatura o mais formal o e/ o difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.



QUESTÃO 1 [ENEM]

TEXTO II

Entrevistadora – Vou conversar com a professora A. D. O português é uma língua difícil?

Professora – Não, se você parte do princípio que a língua portuguesa não é só regras gramaticais. Ao chegar à escola, o aluno já domina e fala a língua. Se o professor motivá-lo a ler obras literárias, e se tem acesso a revistas, a livros didáticos, você se apaixona pela língua. O que torna difícil é que a escola transforma as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001 (adaptado).

O Texto I é a transcrição de uma entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O Texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita. Em comum, esses textos

- A. apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- B. são modelos de emprego de regras gramaticais.
- C. são exemplos de uso não planejado da língua.
- D. apresentam marcas da linguagem literária.
- E. são amostras do português culto urbano.

O Texto I é a transcrição de uma entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O Texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita. Em comum, esses textos

- A. apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- B. são modelos de emprego de regras gramaticais.
- C. são exemplos de uso não planejado da língua.
- D. apresentam marcas da linguagem literária.
- E. são amostras do português culto urbano.**

QUESTÃO 2 [ENEM]

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo “ter” no lugar de “haver”, como em “hoje tem feijoada”, é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo “ter”.

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo “ter” como existencial é porque recebemos esses usos dos nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português do que em toda a Europa!

QUESTÃO 2 [ENEM]

Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele

- A. adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
- B. apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
- C. propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
- D. acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
- E. defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

QUESTÃO 2 [ENEM]

Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele

- A. **adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.**
- B. apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
- C. propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
- D. acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
- E. defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

QUESTÃO 3 [ENEM]

[...] **Pergunta.** A população carcerária no Brasil não para de crescer. Estamos enxugando gelo?

Resposta. Como a sociedade age? É preciso ter alguma repressão ao crime. Senão vira uma tragédia social, ninguém sai de casa. Só que precisamos estar conscientes de que a repressão não reduz a criminalidade. É uma guerra perdida. [...] É preciso que a sociedade reflita: estamos prendendo pessoas que têm que ser presas? Crimes que não são violentos devem ser punidos com prisão? [...]

P. Se prender não é a solução, como se resolve esse problema?

R. Quer atacar o problema da violência? Tem que ir lá atrás. Três condições aumentam o risco de violência. Por que ela se dissemina nas classes mais pobres? Porque lá estão os fatores de risco. São as crianças que sofreram abuso na infância ou tiveram uma infância abandonada. Que na adolescência não tiveram imposição de limites ou conviveram com outros mais violentos. É a condição de milhões de brasileiros. É de estranhar que não tenhamos mais gente ainda envolvida com o crime.

ROSSI, Marina; ALESSI, Gil. Drauzio Varella: “O único lugar em que a mulher tem liberdade sexual é na cadeia”. El País, 9 jul. 2017. Disponível em: [. Acesso em: 30 jan. 2018.](#)

QUESTÃO 3 [ENEM]

Na entrevista de que foi extraído o fragmento anterior, o médico Drauzio Varella relata algumas de suas experiências em/presídios brasileiros bem como suas impressões e julgamentos/acerca do sistema prisional brasileiro. A dinâmica da interlocução, em torno da qual se centra esse gênero textual, fica evidente em uma série de elementos, entre eles

- A. o aproveitamento de um elemento da resposta para a próxima pergunta.
- B. as perguntas proferidas nas duas respostas do entrevistado.
- C. a seleção de expressões idiomáticas, tais como “enxugando gelo”.
- D. a presença de marcas de oralidade nas falas dos interlocutores.
- E. a descrição de gestos e trejeitos do entrevistado, notados pelo jornalista.

QUESTÃO 3 [ENEM]

Na entrevista de que foi extraído o fragmento anterior, o médico Drauzio Varella relata algumas de suas experiências em/presídios brasileiros bem como suas impressões e julgamentos/acerca do sistema prisional brasileiro. A dinâmica da interlocução, em torno da qual se centra esse gênero textual, fica evidente em uma série de elementos, entre eles

- A. o aproveitamento de um elemento da resposta para a próxima pergunta.**
- B. as perguntas proferidas nas duas respostas do entrevistado.
- C. a seleção de expressões idiomáticas, tais como “enxugando gelo”.
- D. a presença de marcas de oralidade nas falas dos interlocutores.
- E. a descrição de gestos e trejeitos do entrevistado, notados pelo jornalista.

QUESTÃO 4 [ENEM]

NÓS – *Um estudo sobre os perennials afirma que a maneira como se envelhece – boa ou má – depende da maneira como se encara a velhice. Se você é pessimista, envelhece mal e vive menos, em resumo. Você concorda?*

MARINA – Quem envelhece mal é quem não se preparou para isso. Principalmente os homens, que não conseguem aproveitar a vida depois que deixam de trabalhar. As mulheres da minha geração têm sempre alguma coisa para fazer. Eu, por exemplo, cozinho. Planto minhas verduras, hortaliças, na minha segunda casa, em São Francisco Xavier (interior de São Paulo). Eu acompanho o ciclo da vida. Colho, cozinho, como ou sirvo para amigos. Adoro fazer isso. Adoro fazer doce com as frutas das minhas árvores e dar as compotas de presente. Também voltei a bordar, estudar música. E nunca deixei de ler. Além de conviver com a roça, tem uma coisa muito importante que explica o fato de eu estar tão bem. Eu não tenho marido (risadas). Me separei aos 50 anos. *Sofri pra burro*, mas agora vejo que tive muita sorte. *Casamento é uma merda*. Absolutamente, eu jamais me casaria de novo.

QUESTÃO 4 [ENEM]

NÓS – *Um estudo sobre os perennials afirma que a maneira como se envelhece – boa ou má – depende da maneira como se encara a velhice. Se você é pessimista, envelhece mal e vive menos, em resumo. Você concorda?*

MARINA – Quem envelhece mal é quem não se preparou para isso. Principalmente os homens, que não conseguem aproveitar a vida depois que deixam de trabalhar. As mulheres da minha geração têm sempre alguma coisa para fazer. Eu, por exemplo, cozinho. Planto minhas verduras, hortaliças, na minha segunda casa, em São Francisco Xavier (interior de São Paulo). Eu acompanho o ciclo da vida. Colho, cozinho, como ou sirvo para amigos. Adoro fazer isso. Adoro fazer doce com as frutas das minhas árvores e dar as compotas de presente. Também voltei a bordar, estudar música. E nunca deixei de ler. Além de conviver com a roça, tem uma coisa muito importante que explica o fato de eu estar tão bem. Eu não tenho marido (risadas). Me separei aos 50 anos. ***Sofri pra burro***, mas agora vejo que tive muita sorte. ***Casamento é uma merda***. Absolutamente, eu jamais me casaria de novo.

QUESTÃO 4 [ENEM]

A linguagem empregada pela historiadora

- A) marca-se pelo emprego de expressões fora do uso corrente, o que lhe confere a plena formalidade.
- B) apresenta o uso de baixo calão, inadequado para a situação comunicativa de entrevista.
- C) reveste-se de informalidade, sobretudo quando começa a discorrer sobre sua condição matrimonial.
- D) mantém o estilo formal, o que demonstra estar pouco à vontade na situação de entrevista.
- E) expressa a sua ironia, com termos coloquiais, em relação à pergunta confusa a que foi exposta.

QUESTÃO 4 [ENEM]

A linguagem empregada pela historiadora

- A) marca-se pelo emprego de expressões fora do uso corrente, o que lhe confere a plena formalidade.
- B) apresenta o uso de baixo calão, inadequado para a situação comunicativa de entrevista.
- C) reveste-se de informalidade, sobretudo quando começa a discorrer sobre sua condição matrimonial.**
- D) mantém o estilo formal, o que demonstra estar pouco à vontade na situação de entrevista.
- E) expressa a sua ironia, com termos coloquiais, em relação à pergunta confusa a que foi exposta.

ATIVIDADE PARA CASA

Língua, que bicho é esse?

[...]

CF: *Ao propor que ensinar que o modo como aprendizes e professores falam não é feio ou errado consolida-se o desconhecimento da norma culta?*

SP: O que consolida o desconhecimento da norma culta é continuar fazendo o que se faz: considerar "errados" os que só falam diferente, ensinar uma gramática precária. E fazer exercícios que não fazem sentido. O que ensina é ler e escrever analisando o que se lê e se escreve. É fácil. É barato.[...]

O texto é um fragmento de entrevista com Sírio Possenti. Sobre ele, infere-se que

A.a fala do especialista valoriza as variantes linguísticas nacionais e enfatiza a contextualização do ensino.

B.a fala ignora a necessidade da norma culta, o que dificulta a normatização do código linguístico brasileiro.

C.Sírio Possenti critica ironicamente o ensino da norma culta nas escolas em favor do uso livre da língua.

D.o preconceito linguístico é disseminado nesta fala, pois o especialista aponta como "errados" os falantes de outras variantes linguísticas.

E.o especialista aproxima a norma culta das outras variantes e propõe uma nova forma de fazer gramática



ATIVIDADE PARA CASA

Língua, que bicho é esse?

[...]

CF: *Ao propor que ensinar que o modo como aprendizes e professores falam não é feio ou errado consolida-se o desconhecimento da norma culta?*

SP: O que consolida o desconhecimento da norma culta é continuar fazendo o que se faz: considerar "errados" os que só falam diferente, ensinar uma gramática precária. E fazer exercícios que não fazem sentido. O que ensina é ler e escrever analisando o que se lê e se escreve. É fácil. É barato.[...]

O texto é um fragmento de entrevista com Sírio Possenti. Sobre ele, infere-se que

A.a fala do especialista valoriza as variantes linguísticas nacionais e enfatiza a contextualização do ensino.

B.a fala ignora a necessidade da norma culta, o que dificulta a normatização do código linguístico brasileiro.

C.Sírio Possenti critica ironicamente o ensino da norma culta nas escolas em favor do uso livre da língua.

D.o preconceito linguístico é disseminado nesta fala, pois o especialista aponta como "errados" os falantes de outras variantes linguísticas.

E.o especialista aproxima a norma culta das outras variantes e propõe uma nova forma de fazer gramática.

Disponível em: <https://envolverde.cartacapital.com.br/lingua-que-bicho-e-esse/>. Acesso em: 13 maio 2020.



NA PRÓXIMA AULA

CÓDIGO DE TRÂNSITO

- Conceito;
- características;
- elementos composticionais;
- função sociocomunicativa.